

# Editorial

É com grande satisfação que damos as boas-vindas à 32ª edição da *Publicação CEAPIA*, um marco especial em nossa história, uma vez que celebramos não apenas os 45 anos de nossa instituição, mas também os 35 anos de nossa respeitada revista científica. Fundado em 1978, o CEAPIA – Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência tem sido um espaço de atualização do conhecimento científico. Com 45 anos de existência, realiza sua 42ª Jornada Científica, momento no qual convida anualmente tanto a comunidade interna quanto a externa a discutirem temas atuais e relevantes para a clínica psicanalítica da infância e adolescência.

O permanente compromisso com o estudo e a pesquisa como meios para qualificar o atendimento a crianças e adolescentes é igualmente percebido por meio do lançamento, em 1988, da *Publicação CEAPIA: revista de psicoterapia da infância e da adolescência*. Indexada na base de dados Index-Psi, nossa revista busca compartilhar com a comunidade científica o que é estudado dentro e fora da instituição, além de fornecer aos nossos associados escritos que trazem reflexões, atualizações e inovações relevantes para a área da psicoterapia psicanalítica da infância e da adolescência. A edição deste ano pretende refletir a dedicação contínua da comunidade ceapiana em compartilhar conhecimento de qualidade, fornecendo um espaço para a troca de ideias, a disseminação de reflexões inovadoras, além de fomentar a ampliação do olhar e da escuta psicanalíticas para questões sociais.

Com o objetivo de integrar trabalhos que refletem sobre a nossa instituição, iniciamos esta edição com a seção “CEAPIA: retomando a história para pensar o futuro”. Nela, apresentamos histórias, reflexões, dados, críticas e sugestões para o futuro que podem beneficiar não apenas o CEAPIA, mas também profissionais autônomos e outras instituições similares. Iniciamos esta seção com o artigo “45 anos do CEAPIA: conversando com os fundadores e colaboradores históricos”. Nesse texto, apresentamos a transcrição adaptada de um encontro realizado no CEAPIA, no qual os autores Fernando Kunzler e Luiz Carlos Prado conduziram uma conversa informal com colaboradores históricos, associados e

comunidade em geral. Ao longo do artigo, os leitores terão contato com fatos marcantes e curiosidades relacionadas à história do CEAPIA. Na mesma seção, convidamos vocês a lerem o artigo “Tecendo escutas entre as margens e o centro: articulações possíveis entre a psicanálise e o trabalho voluntário”, escrito por Luísa Steiger Pires de Oliveira. Nele, a autora nos convida a repensar o *setting* psicanalítico tradicional, compartilhando relatos de suas experiências como voluntária em diversas comunidades. Proporciona, ainda, reflexões sobre a importância de ampliar o olhar e a escuta psicanalíticos para além dos espaços clínicos convencionais. Em seguida, apresentamos o artigo “Questões raciais no CEAPIA: um convite a olhar para dentro da instituição”, escrito por Luciane Rombaldi David, Helena da Silveira Riter, Ana Paula Timm Krolow, Betina Strasburger, Carlos Eduardo Loureiro Xavier, Luísa Feijó Pinheiro Mello e Roberta Iankilevich Golbert. Ao longo do texto, os autores compartilham a trajetória da Comissão de Pesquisa do CEAPIA durante a gestão de 2022-2023, focando em uma pesquisa sobre questões raciais e suas repercussões dentro da instituição. O artigo proporciona uma oportunidade valiosa para a comunidade ceapiana e instituições similares explorarem e discutirem o tema da raça e cor no contexto institucional.

Tomadas pela importância de tais discussões e mobilizadas pelo início das discussões sobre a implementação de ações afirmativas em nossa instituição, decidimos estampar a capa desta edição comemorativa com a mesma imagem escolhida para ilustrar a XLIII Jornada Anual do CEAPIA. A autora, Mitti Mendonça, é uma mulher negra, artista visual gaúcha, que com sua pintura digital, intitulada *Carinho*, pretende falar sobre a importância das relações afetivas, remetendo, ainda, às questões de ancestralidade negra. Além de uma integração entre ambas as atividades científicas, entendemos que a imagem nos leva a uma conexão com essa temática que tem sido abordada dentro do CEAPIA que buscamos aprofundar na segunda seção desta edição: “Raça, cor e subjetividade”. No primeiro artigo, Tatiane Zaram nos brinda com uma importante reflexão sobre a “Invisibilidade coletiva: ser branco, ser preto, ser sujeito”. Nele, a autora reflete sobre a invisibilidade coletiva que permeia as instituições psicanalíticas e os seminários clínicos. Complementando essa seção, Augusto Maschke Paim testemunha o apagamento histórico da negritude e das infâncias pretas através do artigo intitulado “Infâncias pretas: negação, violência e criatividade”. O autor destaca a importância da mitologia africana e das narrativas criadas pelas crianças negras, buscando resgatar esses elementos da cultura e da clínica psicanalítica por meio da escrita.

Ainda que não estejamos mais vivenciando uma situação de pandemia, sabemos dos inúmeros desafios que a covid-19 impôs no âmbito do trabalho clínico, sobretudo para profissionais que lidam com crianças e adolescentes. Diante dessa realidade, reconhecemos a importância de dedicar uma seção aos “Desafios do *setting online* durante a pandemia de covid-19”. Assim, a terceira seção inicia com o artigo “É possível manter a neutralidade na psicoterapia

---

*online* no contexto da pandemia?”, escrito por Elisa Cardoso Azevedo, Cristiane Friedrich Feil, Cristina Lessa Horta, Luísa Feijó Pinheiro Mello, Luísa Fochesato Dall’Agnol, Roberta Iankilevich Golbert e Helena da Silveira Riter. Nele, as autoras abordam a história do conceito de neutralidade, refletem sobre a viabilidade de mantê-la na psicoterapia *online* no contexto da pandemia e analisam os impactos de eventos como a pandemia na compreensão desse fenômeno. A seguir, apresentamos o artigo de Joelza Mesquita Andrade Pires, intitulado “A observação *online* de um bebê em tempos de pandemia: do nascimento aos 2 anos”. Além de compartilhar sua experiência em observação de bebês de forma *online* durante a pandemia, a autora apresenta reflexões teórico-clínicas decorrentes dessa prática.

A quarta seção desta edição, “Articulações entre teoria e técnica psicanalítica”, tem como propósito reunir estudos teórico-clínicos e relatos de experiência que envolvem atendimentos de bebês, crianças e adolescentes. No primeiro artigo, “Quando observamos bebês em risco: um depoimento sobre ética e função continente no método Bick”, Alberto Fonseca Kerber discute a possibilidade de intervenção do observador para orientar a família observada em relação aos indicadores de risco para o autismo, bem como os desafios éticos envolvidos. A seguir, no artigo “A imitação: rumo à subjetivação e à construção do eu”, Ina Muller e Débora Laks refletem sobre a importância da presença de outro ser humano no desenvolvimento dos bebês e o papel da imitação como indicadora da intersubjetividade.

Dando sequência à quarta seção, Maria Luíza Goulart Piccinini utiliza-se de vinhetas clínicas de um caso de atendimento psicoterapêutico infantil para ilustrar e facilitar a compreensão do conceito de Meio Maleável em seu estudo “Um caminho compartilhado: a importância do Meio Maleável nos processos de construção do Eu e da identidade psicoterapêutica”. A seguir, apresentamos o artigo de Fernanda Marinho Matte e Camila Maria Caspary Martinez, “Como alcançar pacientes graves? O desafio de construir uma ‘corda salva-vidas’ em ambientoterapia”. Por meio de um relato de experiência, as autoras refletem sobre o atendimento de crianças e pré-adolescentes graves na modalidade de ambientoterapia, além de discutirem sobre as adaptações técnicas e as ferramentas utilizadas para auxiliar pacientes considerados graves.

Nessa seção, também apresentamos o artigo “Quando ainda não há palavras, há marcas de uma história não contada...”, de Patricia Cohn. Nele, a autora utiliza uma personagem fictícia para explorar casos que buscam uma reconstrução de identidade e transformação. O sexto artigo desta seção, “Os cortes, as rupturas e a clínica na adolescência institucionalizada: retalhos de um caso clínico”, é de autoria de Betina Capobianco Strassburger, Gabriela de Azevedo Medeiros, Joanna Arcari Romero, Maria Eduarda Pacheco Pires, Mariana Ryff Moreira Friedrich e Vinícius Brancher Saretto. O estudo aborda as particularidades da adolescência em acolhimento institucional, analisando o impacto das interrupções em uma psicoterapia psicanalítica durante a pandemia de covid-19

e refletindo sobre a necessidade de uma abordagem clínica sensível e singular. A seguir, apresentamos o artigo “‘Conseguiremos sobreviver’?: reflexões sobre o desafio técnico com pacientes que vivenciaram situações traumáticas”, escrito por Luciana Wagner Grillo, Fernanda Marinho Matte, Claudine Brunstein Genovese, Gilvania B. Vieira, Liliana Braga Cardoso e Rafaela Brodacz de Vasconcellos. Por meio de vinhetas clínicas, as autoras refletem sobre o desafio técnico enfrentado ao lidar com pacientes que carregam consigo a “toxicidade” do trauma, exigindo uma ampliação da capacidade de continência e da técnica para lidar com as demandas primitivas dos pacientes. Encerrando essa seção, o artigo “Notas de um amor mortífero entre mãe e filha”, de Izadora Dias de Souza e Chrystian Kroeff, explora as implicações da Síndrome de Munchausen por Procuração na relação mãe-filha, utilizando a série televisiva *The Act* (2019) como base para reflexão.

A quinta seção, intitulada “Reflexões de Winnicott sobre questões da clínica com crianças e adolescentes”, inicia com o artigo “A solidão na infância contemporânea: dilemas e desafios”, de Soraya Maria Pandolfi Koch Hack. Nele, a autora aborda a teoria do amadurecimento de Donald Winnicott. Essa seção também apresenta o artigo “Contribuições da teoria psicanalítica de Donald Winnicott para a compreensão de quadros *borderline* em adolescentes”, no qual Joanna Arcari Romero destaca o papel das falhas ambientais nos estágios iniciais da vida para a estruturação desse transtorno.

Na última seção, “Entrevista”, apresentamos a “Entrevista com Anne Brun”, na qual Fernanda Porto da Silva representa a diretoria científica do CEAPIA em uma conversa com a convidada especial da XLIII Jornada Anual do CEAPIA. Nessa entrevista, Anne Brun compartilha sua trajetória na psicanálise e enfatiza a necessidade de expandir o trabalho analítico para além dos enquadres tradicionais. A autora discute a importância do diálogo com outros campos do conhecimento, repensando a técnica psicanalítica diante das patologias contemporâneas. Além disso, explora a escuta do arcaico e destaca as manifestações artísticas como dispositivos terapêuticos e uma via para enriquecer a prática psicanalítica.

Ao encerrarmos a 32ª edição da *Publicação CEAPIA*, gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, vêm contribuindo com nossa revista. Diante da impossibilidade de destacarmos todas, agradecemos aos antigos editores e colaboradores das edições anteriores. De modo expressivo, agradecemos à Diretoria Biênio 2022-2023, com destaque para a presidente Anelise Mariath Rechia e a vice-presidente Patrícia Jane Cohn, bem como aos membros do conselho consultivo da revista, em especial aos sempre disponíveis Cátia Mello, Fernando Kunzler e Norma Escosteguy. Estendemos, ainda, nosso agradecimento à bibliotecária Gládis de Souza e ao ex-editor da revista, Felipe Detoni, pelo apoio durante todas as etapas do processo editorial desta edição. De modo especial, agradecemos aos colegas Eduarda Berao, Helena Riter, Luísa Mello e Rodrigo Polli, membros do Conselho Editorial desta revista, por todo o

empenho e dedicação. Por fim, agradecemos aos autores por nos brindarem com artigos instigantes e por acreditarem na *Publicação CEAPIA* como um importante meio de divulgação do conhecimento psicanalítico.

Cientes da responsabilidade que assumimos ao aceitarmos o convite para estarmos à frente desta edição duplamente comemorativa, agradecemos pela oportunidade e desejamos uma ótima leitura!

*Cristina Lessa Horta e Roberta Stefanini Machemer*  
*Editoras da Revista Publicação CEAPIA*